



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://sites.google.com/unicamp.br/eemu/anais/2024>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2024 by UNICAMP/IA. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

A articulação entre a musicalização infantil e o ensino técnico-teórico de música: um estudo de caso

Maria Fernanda Lasinho
Universidade Estadual de Campinas
mflasinho@hotmail.com

Silvia Cordeiro Nassif
Universidade Estadual de Campinas
scnassif@unicamp.br

Resumo: Este artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento cujo objetivo principal é estudar a passagem da etapa de musicalização para o ensino técnico-teórico de música e que observou aulas de musicalização infantil, teoria musical e prática instrumental de violino no Centro Escolar Municipal de Música Manoel José Gomes, Campinas - SP. Neste recorte, abordamos questões relacionadas à função da musicalização, à evasão em escolas especializadas, ao ensino conservatorial e ao ensino coletivo de instrumentos, além de apresentar alguns dados que indicam diferentes posições quanto à concepção de musicalização e sua articulação com o ensino posterior.

Palavras-chave: Musicalização. Ensino musical técnico-teórico. Linguagem musical.

1. Problematização do tema e reflexões iniciais a partir da fundamentação teórica

Este trabalho parte de uma base teórica fundamentada na perspectiva da música como linguagem (NASSIF, 2009), da ideia de que a musicalização deve perdurar durante toda formação musical (PENNA, 2008) e das contribuições de K. Swanwick (2003, 2014) como lentes de observação, dialogando também com outros trabalhos acadêmicos da área. A partir de uma revisão bibliográfica inicial, o tema dessa pesquisa foi percebido como pouco explorado e abordado e, além disso, uma variedade de questões e tópicos foram se desdobrando durante o período de pesquisa.

A questão principal da pesquisa gira em torno da passagem da musicalização infantil para o ensino técnico-teórico¹, que geralmente ocorre em escolas especializadas que oferecem as duas áreas de estudo. Penna (2008) afirma que o ensino de musicalização não é apenas uma etapa inicial, mas deve perdurar durante toda a formação musical do aluno. A autora defende também que a musicalização deve ser uma etapa que objetive uma introdução à linguagem musical, de maneira que se criem esquemas de percepção para uma compreensão crítica, usando principalmente uma abordagem lúdica em sala de aula.

Apesar destas ideias estarem muito difundidas na área da educação musical, em trabalhos como o de Pereira (2013) observamos uma crítica ao modelo conservatorial, que

¹ Termo utilizado na pesquisa que agrupa aulas de teoria musical, percepção musical e prática instrumental.

ainda é muito utilizado em escolas especializadas de música, presente no ensino de teoria musical e prática instrumental. Essa questão nos leva a pensar que a criança, habituada com atividades lúdicas que exigem movimentação corporal e participação contínua, agora passa para uma etapa na qual terá que se habituar com um ensino formal que apresenta uma sala de aula com mesas, cadeiras, uma lousa, caderno para anotações, além da prática instrumental, que também apresenta uma dinâmica diferente da musicalização.

Visto essa mudança de etapas, que acontece de um período letivo para outro, entramos, por consequência, na questão do tradicionalismo presente nas escolas especializadas em música que seguem o modelo conservatorial. Penna (1995) afirma que esse ensino tradicional pratica uma adoção de conteúdos fragmentados, fixos, desatualizados, abstratos e formais, de modo que, para uma criança de 10 anos², essa transição de uma aula lúdica para uma aula abstrata pode ser confusa e até mesmo desinteressante. Assim, a criança pode até conseguir aprender regras, mas sem compreender realmente a sua função ou a importância para a música:

Por exemplo, pode-se aprender a ‘ler e escrever’ música numa pauta sem chegar a ter consciência dos princípios básicos que regem a notação tradicional, ou, ainda, a identificar o sinal que indica uma fermata sem compreendê-la enquanto uma ‘suspensão’ da pulsação, com função expressiva (PENNA, 1994, p.22).

Da mesma forma que uma possível transição radical pode causar desinteresse, ela também pode provocar e até agravar a evasão de alunos nas escolas especializadas. Em Swanwick (1994), são criticadas as formas de ensino que não levam em conta a musicalidade e trabalham exclusivamente a formação e a instrução técnica, levantando o questionamento se esse ensino conservatorial pode ser uma das razões pela qual o aluno abandone a formação musical.

Apesar disso, a bibliografia estudada também aponta para algumas soluções, de forma que essa transição radical seja amenizada e mais fluida. Uma dessas sugestões é a aula coletiva de instrumento, uma vez que:

O trabalho em grupo é uma excelente forma de enriquecer e ampliar o ensino de um instrumento [...] A aprendizagem em música envolve imitação e comparação com outras pessoas [...] A imitação e a competição são

² Idade em que o Centro Escolar Municipal de Música Manoel José Gomes (CEMMANECO), campo pesquisado, finaliza a etapa de musicalização e inicia o técnico-teórico.

particularmente fortes entre pessoas de mesma faixa etária e mesmo grupo social (SWANWICK, 1994, p. 08).

A aula em grupo pode ser uma excelente proposta para a transição de etapas, pois apresenta características da musicalização, visto que:

Nas aulas de música em grupo são trabalhados aspectos como, por exemplo, o respeito pelos colegas, a cooperação que as atividades realizadas em coletivo exigem e a união da turma na busca de alcançar objetivos que sejam comuns a todos, como por exemplo, cantar e dançar em roda ao mesmo tempo (SOUZA; JOLY, 2010, p. 101).

Ou seja, pensando em um período de transição, a aula coletiva de instrumentos entra como uma boa alternativa para amenizar essa mudança abrupta, pois apresenta elementos da musicalização dentro da área técnica-teórica. Apesar disso, também é importante ressaltar que, segundo Swanwick (1994), trabalhar com grupos é um compromisso educacional diferencial e que os professores devem estar atentos e dispostos a enfrentar os desafios do ensino coletivo, especialmente pela resistência ao ensino em grupo, que geralmente vem daqueles que derivam das escolas de música e conservatórios onde o ensino individual é insistentemente preservado e nenhuma outra alternativa parece possível. Assim, o professor que provém de um ensino conservatorial deve estar disposto a observar sua prática educacional e até mesmo a questioná-la (SANTOS, 1990, p. 34 *apud* PENNA, 1995, p.105).

Dessa forma, outra questão que também deve ser abordada é a própria ideia de musicalização que, para Penna (2008), deve servir para uma introdução na linguagem musical, de maneira que se criem esquemas de percepção para uma compreensão crítica, conforme já dito. Ou seja, ela não tem como objetivo abordar questões de caráter técnico-teórico, mas sim introduzir o indivíduo na música de maneira paralela e participativa na cultura na qual faz parte. Sendo assim, não deve ser esperado de uma aula de musicalização a apresentação de conteúdos de caráter técnico-teórico, já que essa não é a sua função. Porém, segundo Penna (2008), a musicalização pode e deve fazer parte da formação continuada do aluno, fazendo com que elementos de musicalização estejam presentes nas aulas técnico-teóricas. Um exemplo desses elementos é o lúdico, visto que:

Uma educação musical na qual o lúdico represente o componente transgressor de expectativas do conhecido, mantendo nos alunos atenção viva ao que se realiza a cada instante e, assim, os atraia, menos para os saberes prontos e constituídos, mais para a matéria sonora em si, para a

vivência musical participativa, para a criação de novas e autênticas possibilidades de expressão (KATER, 2012, p. 43).

Assim, a musicalização se apresenta como uma excelente ferramenta para facilitar a aquisição do conhecimento musical, além de promover uma articulação entre as etapas formativas em escolas especializadas.

2. Resultados parciais: discussão a partir de dados

Este artigo é um recorte de uma pesquisa que tem como objetivo principal investigar como tem sido feita a articulação entre a etapa da musicalização infantil e o ensino técnico-teórico em música. Dessa forma, visando atingir o objetivo, foram realizadas observações em sala de aula durante o segundo semestre de 2023, no Centro Escolar Municipal de Música Manoel José Gomes (CEMMANECO), além de entrevistas realizadas com 6 professores do projeto e 2 coordenadores pedagógicos, baseadas em tópicos norteadores.

Os resultados e as possíveis reflexões estão passando por um processo de análise baseado na fundamentação teórica estabelecida anteriormente. A partir dos dados coletados, foi possível criar categorias de análise organizadas em:

- Musicalização e o afastamento do conceito de musicalizar³
- Musicalização como elemento instigador
- A evasão de escolas especializadas em música
- O ensino coletivo de instrumentos
- O ensino conservatorial e tradicional em música

Nos limites deste texto, passaremos brevemente por esses tópicos, os quais ainda estão sendo desenvolvidos de modo mais aprofundado na pesquisa, que se encontra em andamento. A seguir, apresentamos a análise dos dados coletados até o presente momento.

Durante as observações e entrevistas, foi possível notar que a importância da musicalização está bem estabelecida com os professores e coordenadores, apesar de que, para alguns dos entrevistados, a musicalização prevê uma forma de adiantamento e até mesmo uma preparação para o ensino técnico-teórico.

P: E o que você acha de adiantar os conteúdos de teoria na musicalização?
Com uma ideia de passar um pouquinho de teoria para as crianças da musicalização.

³ Tomamos aqui como referência o conceito de musicalizar de Penna (2008), que considera que o ato de musicalizar deve servir para uma introdução na linguagem musical, de maneira que se criem esquemas de percepção para uma compreensão crítica.

Prof. A⁴: Eu acho que foi isso que fez toda a diferença sobre os alunos dessa turma de 2023, porque eles já tinham alguma ideia de teoria, eles já sabiam o que era uma pauta, porque eles já tinham visto. Então acho que é bom.

Em Penna (2008), observamos uma crítica a esse pensamento, justamente porque

Não cabe tomar a musicalização, portanto, como um trabalho “pré-musical”, uma preparação para um aprendizado nos moldes tradicionais (o estudo de “teoria musical”, de um instrumento, etc.) [...] Concebemos a musicalização como um processo educacional orientado que se destina a todos que, na situação escolar, necessitam desenvolver ou aprimorar seus esquemas de apreensão da linguagem musical (PENNA, 2008, p.41).

A musicalização não deve estar a favor do ensino técnico-teórico, de forma que um adiantamento de conteúdo pode se tornar uma maneira de afastar a musicalização do seu próprio objetivo. Concordando com essa posição, também observamos professores que criticam a ideia de utilizar a musicalização como uma pré-apresentação do ensino técnico-teórico.

Porque também eu acho que não é o nosso papel, né? O nosso papel não é esse aí, a gente nem consegue [...] Eu acho que realmente é no instrumento que vai fazer mais sentido para eles. Porque eles vão estar colocando na prática a parte teórica, e na musicalização acaba que é mais nas brincadeiras, então às vezes eles não conseguem nem gravar as notas. Então realmente às vezes nem faz tanto sentido assim para eles (PROFESSOR D).

Dessa forma, notamos que o conceito de musicalizar, especialmente em escolas especializadas, pode estar desconexo, de forma que exista uma ambiguidade em relação ao entendimento desse conceito, levantando suspeitas de uma possível lacuna no processo de formação superior de professores de música⁵ ou mesmo na própria orientação pedagógica realizada na escola.

Outra questão analisada é a musicalização como elemento instigador, de forma que grande parte das crianças na etapa de musicalização prossigam seus estudos na música. A partir de uma análise com dados quantitativos, percebemos que em 2023 no CEMMANECO, aproximadamente 95% da turma de musicalização fez a re-matrícula para ingressar na etapa técnica-teórica, validando a ideia de que a musicalização estimula e fomenta o interesse pelo

⁴ A fim de garantir o anonimato, os entrevistados foram nomeados de forma aleatória com letras do alfabeto.

⁵ É importante ressaltar que os professores atuantes na escola ainda se encontram no processo de formação no ensino superior e atuam como estagiários orientados por supervisores.

estudo da música. No entanto, a partir de dados e algumas estimativas⁶, podemos observar um número considerado baixo de alunos formados no período analisado na área técnica-teórica comparado ao número de matriculados na área em 2023, levando a questionamentos sobre a evasão de alunos durante o período de teoria e prática instrumental.

Abordando o tema de evasão, podemos relacioná-lo com o ensino conservatorial, visto que para autores como Ribeiro e Moreira (2006), Pereira (2013) e Cunha (2009), a aplicação desse modelo de ensino em escolas especializadas pode ser um fator desmotivacional, já que:

[...] A influência dos conservatórios no ensino das escolas de música constitui-se um problema, pois as concepções de música e de aprendizagem musical no modelo de conservatório estariam baseadas em princípios rígidos, os quais, entre outros aspectos, privilegiam o desenvolvimento dos alunos considerados talentosos (CUNHA, 2009, p.14).

A mesma questão também é vista nas entrevistas com os professores:

P: Então de uma maneira geral, você acha que falta articulação entre as áreas?

Prof. B: Às vezes eu sinto que no instrumento e na teoria, por conta dessa questão do ensino conservatorial, a gente chega com uma linguagem que não faz nenhum sentido para as crianças. É a musicalização, eu acho, que pensa mais, ou pelo menos está mais disposta a pensar qual é a melhor abordagem.

Dessa forma, a partir da coleta de dados, podemos considerar que o ensino conservatorial pode ser um dos motivos para a evasão, porém não pode ser considerado único, visto que em outras entrevistas também obtivemos informações que dizem respeito à realidade financeira de cada aluno, transporte público, apoio familiar, além da questão do turno das aulas de teoria e instrumento, que ocorrem no período noturno.

Tem uma questão do aumento das escolas integrais que dá uma sobrecarga de atividade nesses adolescentes e nessas crianças. Uma dificuldade grande com transporte em Campinas, que é um município muito grande e com transporte público muito precário e mesmo que a prefeitura ceda transporte, algumas famílias têm um pouco de receio. E só tem transporte para rede municipal que é um terço da escola, os outros dois terços não têm transporte. E existe uma ideia da desvalorização cultural também do ensino musical.

⁶ Neste caso, devemos considerar que na escola analisada, o aluno que completa 15 anos passa pela “formatura” (limite máximo de idade do aluno na escola) e que por ser uma escola não serial, na qual os alunos podem ingressar em qualquer etapa do técnico-teórico sem a obrigatoriedade da musicalização, observamos um grande número de alunos matriculados na área técnica-teórica, apesar de que são poucos os que concluem o curso e chegam à formatura. Ou seja, a estimativa de evasão refere-se ao número de quantos alunos estão atualmente matriculados, quantos se esperam formar e quantos se formam. É necessário destacar que o projeto é recente e, por isso, não há dados de alunos que completaram o ciclo integralmente (musicalização, etapa técnica-teórica e formatura).

Qualquer questão que a família tenha, eu não sinto que nós não seremos a prioridade (COORDENADOR A).

Apesar disso, uma questão analisada como positiva no CEMMANECO é a aplicação de aulas coletivas de instrumento. As aulas coletivas, por natureza, possuem aspectos positivos e negativos, porém, pensando em uma etapa de transição da musicalização para o ensino técnico-teórico, ela pode ser muito bem explorada, já que, como visto anteriormente, utiliza o elemento do coletivo, assim como na musicalização, fazendo com que a passagem ocorra de maneira sutil. Essa é uma questão que será mais explorada posteriormente no decorrer da pesquisa.

3. Considerações finais

A análise parcial das entrevistas e das observações evidenciou alguns problemas na articulação entre a área da musicalização e do ensino técnico-teórico, mas também identificou explicações, questionamentos e até soluções. Nota-se entre os professores um desejo de melhoria no ensino e um questionamento dos métodos tradicionais, apesar de obstáculos que envolvem o pouco tempo de aula e obrigações como a dedicação de apresentações finais. Foram ainda notadas concepções ambíguas sobre o conceito de musicalização e um conflito de ideias a respeito da aplicação da musicalização no ensino técnico-teórico. É válido ressaltar que as opiniões em relação à articulação entre a musicalização e o ensino técnico-teórico ficaram divididas em dois grupos: os que acreditam e os que não acreditam que a referida escola apresenta uma articulação entre etapas. Essa análise foi realizada a partir de uma amostra de 6 professores e 2 coordenadores, na qual 3 professores foram favoráveis em relação à articulação presente na escola enquanto os outros 3 foram contra. Já no caso dos coordenadores, obtivemos dados que apontam uma concordância de opinião a respeito da presença da articulação entre as etapas de ensino, sendo ambos favoráveis. Essa divisão de grupos pode indicar a falta de discussão e visibilidade para o assunto, que é necessário para a educação musical. Dessa forma, esta pesquisa parece estar respondendo aos questionamentos iniciais, além de suscitar novos questionamentos que eventualmente possam ser abordados em investigações futuras.

Referências

CUNHA, Elisa da Silva. **Compreender a escola de música como uma instituição: um estudo de caso em Porto Alegre –RS**. 2009. 234f. Tese de (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

KATER, Carlos. “Por que Música na Escola”: algumas reflexões. In: JORDÃO, Gisele et al. **A música na escola**. São Paulo: [Sn], 2012. p. 42 – 45.

NASSIF, Silvia C. A educação musical na perspectiva da linguagem: revendo concepções e procedimentos. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 21, 44-52, mar. 2009.

PENNA, Maura. O Desafio Necessário: por uma educação musical comprometida com a democratização no acesso à arte. **Cadernos de Estudo: educação musical**, n. 4/5, 1994.

PENNA, Maura. Ensino de música: para além das fronteiras do conservatório. In: Yara Rosa Peregrino. (Org.). **Da camiseta ao museu: a conquista: o ensino das artes na democratização da cultura**. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1995, v.1.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA, Marcus V. M.. **O Ensino Superior e as Licenciaturas em Música: um retrato do *habitus* conservatorial nos documentos curriculares**. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

RIBEIRO, Hugo L; MOREIRA, Marcos. Projeto Político Pedagógico do Conservatório de Música de Sergipe. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 15, 2006, João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa: Abem, 2006. p. 631- 637.

SOUZA, Carlos Eduardo de; JOLY, Maria Carolina Leme. A importância do ensino musical na educação infantil. **Cadernos da pedagogia**. São Carlos, Ano 4 v. 4, n. 7, p. 96 – 110, jan. – jun. 2010

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

SWANWICK, Keith. **Música, mente e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SWANWICK, Keith. Ensino instrumental enquanto ensino de música. In: **Cadernos de Estudo: Educação musical 4/5**. São Paulo: **Atravez**, 1994. p. 7-13.